

Artigos

Análise geossociolinguística das designações para fanhoso nas capitais brasileiras

Geosociolinguistic analysis of designations for fanhoso in Brazilian capitals

Romário Duarte Sanches¹
Abdelhak Razky²

RESUMO

Este artigo busca mapear e analisar a variação lexical para fanhoso nas capitais brasileiras a partir dos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). A pesquisa segue os mesmos parâmetros metodológicos do Projeto ALiB, contando com 25 capitais brasileiras, onde foram entrevistados oito informantes por localidade. Os resultados apontam que para designar uma pessoa que parece falar pelo nariz os informantes utilizam as seguintes variantes lexicais mais frequentes: fanhoso, fanho, fonhém/fõem e fom-fom. É possível notar também que não há uma variação diatópica de característica isoléxica, mas sim agrupamentos lexicais do tipo supra-agrupamentos, macroagrupamentos, microagrupamentos e nanoagrupamentos.

Palavras-chave: *Dialetologia; Geossociolinguística; Variação lexical; ALiB.*

1. Universidade do Estado do Amapá. Amapá – Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-0571-303X>. E-mail: romariodsanches@gmail.com.

2. Universidade de Brasília. Distrito Federal – Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-9250-8917>. Email: arazky@gmail.com.



ABSTRACT

This article aims to map and analyze the lexical variation for fanhoso in the Brazilian capital, based on data from the Linguistic Atlas of Brazil (ALiB). The research follows the same methodological parameters of the ALiB, counting with 25 Brazilian capitals, where eight informants were interviewed by location. The results indicate that in order to designate a person who seems to speak through the nose the informants use the following most frequent lexical variants: fanhoso, fanho, fonhém / fõe and fom-fom. It is possible to notice also that there is no diatopic variation of isolexic characteristic, but lexical groupings of the type supra-groupings, macro-groupings, micro-groupings and nano-groupings.

Keywords: *Dialectology; Geosociolinguistics; Lexical variation; ALiB.*

1. Introdução

A análise da dimensão lexical do português brasileiro ganhou uma visibilidade científica notável, sobretudo, com a publicação do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Os primeiros volumes do ALiB, publicados em 2014, constituem um marco inédito em relação à descrição lexical do português falado no Brasil, pelo seu rigor metodológico e científico, que somam mais de 20 anos de pesquisa geolinguística. Conhecer a realidade do português brasileiro por meio de cartas linguísticas significa apreciar fotografias sobre o português num tempo aparente, cuja abrangência implica políticas lexicográficas reais e políticas de ensino-aprendizagem do léxico pautado em corpora autêntico e disponível em cartas lexicais que cobrem todo o território nacional.

Tendo em vista a contribuição do Projeto ALiB aos estudos geolinguísticos, este artigo busca investigar o contínuo lexical do item *fanhoso* nas capitais brasileiras a partir dos dados do ALiB. O trabalho está estruturado em três seções. A primeira demonstra a necessidade de abordar a geossociolinguística (Razky, 1997), através dos principais trabalhos desenvolvidos no Brasil. A segunda apresenta os procedimentos metodológicos adotados neste estudo. E a última, concentra-se nos resultados da pesquisa, analisando a variação geográfica e social do item *fanhoso*.

2. Estudos geossociolinguísticos no Brasil

A geografia linguística, como método da Dialetoлогия, surge nos fins do século XIX e início do século XX, sobretudo, vinculada aos nomes de Georg Wenker, na Alemanha, e Jules Gilliéron, na França.

O trabalho pioneiro da geografia linguística foi realizado na Alemanha por Georg Wenker, em 1876. Ele inicia esse tipo de pesquisa enviando questionários (via correspondência) aos professores residentes no norte da Alemanha, pedindo-lhes que fornecessem palavras equivalentes à variedade do alemão padrão. Wenker levou dez anos para cobrir todo o território germânico, enfrentando diversas dificuldades durante a coleta de dados. Ao final da pesquisa, ele resolveu limitar sua análise às palavras específicas, resultando, assim, em dois conjuntos de mapas que foram publicados sob o título *Sprachatlas des Deutschen Reiches* (1881).

Embora fosse possível reunir uma grande quantidade de dados, enviando questionários por correspondência, este método tinha suas limitações, principalmente porque as pronúncias do dialeto investigado não podiam ser registradas com precisão. Portanto, em 1896, Jules Gilliéron surgiu com uma alternativa ao método aplicado. Um pesquisador de campo de Gilliéron, Edmond Edmont, famoso por sua boa audição, percorreu a França de 1896 a 1900 e realizou cerca de 700 entrevistas. Os resultados de suas observações, juntamente com os resultados de Gilliéron e seus outros assistentes, foram posteriormente publicados entre 1902 e 1910 sob o título *Atlas Linguistique de la France*.

Com base nas experiências dialetológicas de Wenker e Gilliéron, a aplicação do método da Dialetoлогия, ora chamada também de geolinguística, incidiu em outros projetos de atlas linguísticos pelo mundo afora, principalmente na Europa e na América.

Vale ressaltar que os trabalhos geolinguísticos dos séculos XIX e XX traziam em seu aparato metodológico a abordagem tradicional ou monodimensional da Dialetoлогия, ou seja, por muito tempo a geolinguística priorizou registrar o *dialeto puro*³ e sua variação geográfica,

3. Buscavam identificar marcas linguísticas que se aproximavam da norma-padrão usada na época.

colocando em destaque a variável geográfica e deixando em segundo plano as variáveis sociais. Isso gerou inúmeras críticas à Dialetoлогия, bem como, a de que a mesma não se sustentaria por muito tempo, perdendo espaço para a Sociolinguística.

Com o surgimento da linguística moderna, sobretudo, da Sociolinguística, a Dialetoлогия passou a integrar ao método geolinguístico aspectos sociais da língua, como uma tentativa de superar suas lacunas teórico-metodológicas apontadas anteriormente. Esta vertente, Chambers e Trudgill (1994) vão denominar de *Dialetoлогия Social*, pois, agora, os dialetólogos começam a controlar em sua abordagem metodológica questões extralinguísticas como idade, sexo e escolaridade do informante. Rona (1976) afirma que esse aspecto social configura-se como uma superposição interdisciplinar da Sociolinguística e da Dialetoлогия, podendo ser denominada também de *Sociodialetoлогия*⁴ ou uma nova forma de Dialetoлогия que incorpora precisamente a dimensão social.

Buscando discutir as diversas tendências da geolinguística, vale mencionar os postulados de Radtke e Thun (1996), que ainda na década de 1990 caracterizaram a chamada *Geolinguística Pluridimensional*, na qual ainda se mantém presente, desde os anos 2000, no aporte metodológico das pesquisas dialetais brasileiras.

No Brasil, também na intenção de compensar os aspectos sociais isentos na abordagem da geolinguística tradicional, Razky (1997, 1998, 2004, 2010, 2015) apresenta a *Geossociolinguística* que, grosso modo, configura-se como uma conjunção do aparato metodológico da Sociolinguística com o da Geolinguística.

Para Razky (2010), a *Geossociolinguística* é necessária para suprir os limites tanto da Sociolinguística quanto da Geolinguística tradicional, uma vez que os estudos sociolinguísticos realizados no Brasil priorizam a dimensão social e local; e os estudos geolinguísticos, limitam-se ao aspecto espacial e uma estratificação social mínima, como podemos apreciar no Atlas Linguístico de Sergipe (Ferreira et al., 1987) e no Atlas Linguísticos do Paraná (Aguilera, 1996)⁵.

4. Termo também empregado por Gregory Guy (2012).

5. As autoras consideram somente o sexo dos informantes, controlando, assim, a fala de homens e mulheres em diferentes áreas geográficas.

Essa nova abordagem adotada nos estudos geolinguísticos nos fins da década de 1990, Razky (1998) nomeou de *Geossociolinguística*.

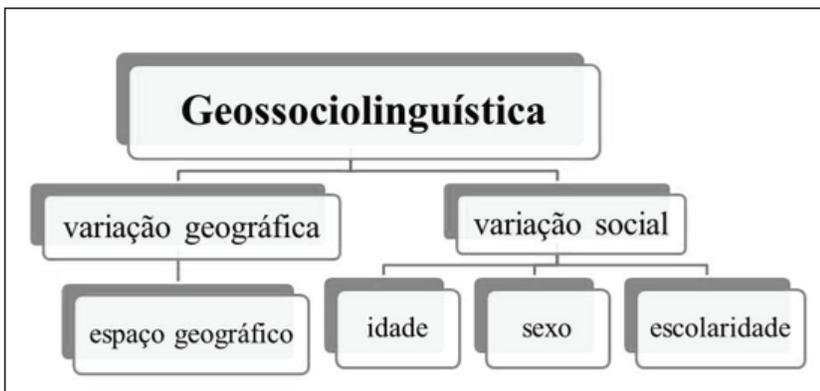
A expressão foi cunhada unindo-se o prefixo “Geo” (que referencia o tratamento da variante geográfica, tradicionalmente estudada pela Geolinguística) ao vocábulo “sociolinguística” (...) *Geossociolinguística*, criado por Razky (1998), não significou uma nova área ou subárea da Linguística, mas designa uma junção de metodologias (a Geolinguística e a Sociolinguística) que, juntas, podem permitir melhores resultados na investigação da variação linguística (Guedes, 2017, p. 46).

O termo *Geossociolinguística* foi empregado por Abdelhak Razky pela primeira vez, em 1997, dando nome ao Projeto Atlas Geossociolinguístico do Pará (ALiPA), que posteriormente, em 2004, resultou na publicação do primeiro atlas sonoro brasileiro: o Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALiSPA).

Para Razky e Guedes (2015), a perspectiva Geossociolinguística oferece uma imagem mais autêntica sobre como mapear a variabilidade linguística do português brasileiro e permite compreender melhor os problemas concernentes à homogeneidade dialetal nos mapas linguísticos de atlas monodimensionais.

Em suma, a abordagem Geossociolinguística pode ser esquematizada da seguinte forma:

Figura 01 – Esquema de configuração da Geossociolinguística



A Figura 01 nos permite inferir que, assim como a Dialetoologia social, a Geossociolinguística também busca controlar o aspecto geográfico e social da variação linguística. Em relação ao primeiro aspecto, o foco está na caracterização de agrupamentos linguísticos⁶; e o segundo se concentra nas influências de variáveis sociais, como idade, sexo e nível de escolaridade, nas escolhas linguísticas dos informantes.

Conforme Razky e Guedes (2015), esse controle social nos dados linguísticos contribuiu para o mapeamento de caráter geossociolinguístico. Além disso, Razky e Sanches (2016) comentam a possibilidade de analisar esses mapas sob uma perspectiva *geossocial*, isto é, uma análise que contemple o espaço geográfico (variação geográfica ou diatópica) e as variáveis sociais (variação diassexual, diageracional e diastrática).

Diante das discussões acima, apresentamos a seguir, no Quadro 01, os principais trabalhos realizados no Brasil que resultaram ou foram influenciados pela abordagem Geossociolinguística. Os trabalhos configuram-se em atlas linguísticos, livros, Teses de doutorado e Dissertações de mestrado. Os artigos científicos não foram considerados neste momento, levando em consideração o número elevado de artigos.

Quadro 01 – Levantamento bibliográfico de estudos geossociolinguísticos no Brasil

| TÍTULO | NATUREZA | AUTOR/ANO |
|---|----------|-----------------------------------|
| 1. Atlas Geossociolinguístico do Pará | Atlas | Razky; Oliveira; Lima (andamento) |
| 2. Atlas Linguístico Sonoro do Pará | Atlas | Razky (2004) |
| 3. Estudos Geo-sociolinguísticos no Estado do Pará I | Livro | Razky (2003) |
| 4. Estudos Geossociolinguísticos no Estado do Pará II | Livro | Razky et al. (2014) |
| 5. Estudos Geossociolinguísticos brasileiros e europeus | Livro | Aguilera; Doiron (2015) |
| 6. Estudos Geossociolinguísticos do Português Brasileiro | Livro | Razky et al. (2017) |
| 7. Um estudo geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná. | Tese | Busse (2010) |

6. Coexistência de variantes linguísticas em uma mesma demarcação territorial.

| | | |
|--|-------------|------------------|
| 8. Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará | Tese | Dias (2017) |
| 9. Perfil geossociolinguístico do Português em contato com línguas Tupí-Guaraní em áreas indígenas dos estados do Pará e Maranhão | Tese | Guedes (2017) |
| 10. Estudo Geossociolinguístico do léxico do Português falado em áreas indígenas de Língua Tupi-Guarani nos Estados do Pará e Maranhão | Tese | Costa (2018) |
| 11. Variações do fonema lh no falar de 04 localidades do sudeste do Pará: uma descrição geo-sociolingüística | Dissertação | Nunes (2006) |
| 12. A variável (r) pós-vocálica medial nos estados do Amapá e Pará: Um estudo Geo-sociolinguístico. | Dissertação | Ribeiro (2008) |
| 13. Distribuição geo-sociolingüística do ditongo <ej> no português falado no Estado do Pará. | Dissertação | Farias (2008) |
| 14. Distribuição Geo-sociolinguística da Lateral Palatal /lh/ nos estados do Amapá e Pará | Dissertação | Fernandes (2009) |
| 15. A distribuição geo-sociolinguística da variável pretônica no português falado no Estado do Pará | Dissertação | Santos (2009) |
| 16. Estudo Geossociolinguístico da variação lexical na zona rural do Estado do Pará | Dissertação | Guedes (2012) |
| 17. Estudo Geossociolinguístico do ditongo /ei/ nas capitais do norte nordeste do Brasil | Dissertação | Santos (2012) |
| 18. Atlas Geossociolinguístico de Londrina: um estudo em tempo real e tempo aparente | Dissertação | Romano (2012) |
| 19. A variação do /r/ pós-vocálico em coda interna no Norte do Brasil: um estudo Geossociolinguístico | Dissertação | Costa (2015) |
| 20. Variação lexical nos dados do projeto Atlas Geossociolinguístico do Amapá | Dissertação | Sanches (2015) |
| 21. Uma análise Geossociolinguística das consoantes lateral linguodental e vibrante alveolar em Assis Chateaubriand/PR | Dissertação | Galli (2016) |
| 22. Mapeamento lexical do português falado pelos Wajãpi no estado do Amapá: uma abordagem geossociolinguística | Dissertação | Rodrigues (2017) |

Fonte: Elaboração dos autores.

No total foram elencados 22 trabalhos de natureza diferentes. No quadro acima foi possível notar que o primeiro atlas de abordagem Geossociolinguística foi publicado em 2004, sob a organização de Abdelhak Razky. A abordagem Geossociolinguística aparece primei-

ramente em 1997⁷, posteriormente, o termo volta a aparecer como título de do livro *Estudos Geo-sociolinguísticos no Estado do Pará*, publicado em 2003.

Em síntese, catalogamos a existência de um atlas regional publicado e um em andamento, ambos os projetos coordenados pelos professores Abdelhak Razky, Alcides Fernandes de Lima e Marilucia Barros de Oliveira⁸; quatro livros que receberam em seu título a nomenclatura *Geossociolinguística*, três deles organizados pelos professores supracitados e um organizado pelas professoras Vanderci de Andrade Aguilera e Maranúbia Pereira Barbosa Doiron; quatro Teses defendidas na Universidade Federal do Pará (UFPA) e uma na Universidade Estadual de Londrina; e 12 Dissertações de mestrado defendidas em diferentes universidades brasileiras, sendo a maioria orientada pelo professor Abdelhak Razky.

Como podemos notar a abordagem Geossociolinguística se propagou para além do âmbito local, já que boa parte dos estudos apresentados aqui esteve sob a orientação do professor Abdelhak Razky, na UFPA. Contudo, apreciamos a utilização do termo *Geossociolinguística* em Teses e Dissertações produzidas em outras universidades, como a de Romano (2012) e a de Galli (2016). O primeiro trabalho foi orientado pela professora Vanderci Aguilera, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), e tem como título *Atlas Geossociolinguístico de Londrina: um estudo em tempo real e tempo aparente*. E o segundo foi orientado pela professora Sassimar Busse, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), com o título *Uma análise Geossociolinguística das consoantes lateral linguodental e vibrante alveolar em Assis Chateaubriand/PR*. Além desses trabalhos, em 2015, contamos com a publicação de um livro organizado por professores externos à UFPA, sob o título de *Estudos geossociolinguísticos brasileiros e europeus: uma homenagem a Michel Contini*.

7. Ressaltamos que a primeira vez em que o termo apareceu foi em 1997, na revista *Asas da Palavra*, da Universidade da Amazônia (UNAMA).

8. Coordenadores do grupo de pesquisa Geossociolinguística e Socioterminologia (GeoLinterm).

O panorama apresentado aqui nos permite afirmar que a *Geosociolinguística* vem se firmando, desde 1997 até os dias atuais, cada vez mais no campo da Dialetologia brasileira, sendo considerada uma abordagem moderna e que visa suprir as lacunas deixadas pela Dialetologia tradicional. Sobre esse novo momento da geolinguística brasileira, Cardoso (2003) acredita que:

A Geolinguística hoje deve continuar a priorizar a variação diatópica, abrindo, porém, espaço para o controle de outras variáveis como gênero, idade e escolaridade, sem a busca obcecante da quantificação, mas tomando-as, de forma exemplificativa e não exaustiva, e modo a complementar os próprios dados areais. (Cardoso, 2003, p. 190).

Com isso, ratificamos a ideia de que adotar a abordagem Geosociolinguística não significa que tenhamos de deixar em segundo plano as discussões diatópicas da tradição dialetológica, ao contrário, devemos torná-las tão importantes como as discussões das variáveis sociais para explicar os fenômenos linguísticos.

3. Metodologia

Os parâmetros metodológicos adotados para descrição e mapeamento do item lexical *fanhoso* nas capitais brasileiras são os mesmos encontrados na metodologia do Projeto ALiB. Neste sentido, esta pesquisa contemplou 25 capitais brasileiras: Macapá, Boa Vista, Manaus, Rio Branco, Porto Velho, Belém, São Luís, Teresina, Fortaleza, Natal, João Pessoa, Recife, Maceió, Aracaju, Salvador, Cuiabá, Campo Grande, Goiás, Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro, Vitória, Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre. Abaixo segue a Figura 02 com a rede de pontos do Projeto ALiB.

Figura 02 – Rede de pontos do ALiB (Capitais)



Fonte: Extraído de Cardoso et al. (2014a, p. 72), adaptado pelos autores.

Para cada localidade foram entrevistados oito informantes, considerando três variáveis sociais: sexo, faixa etária e escolaridade. Com isso, o perfil dos entrevistados foi organizado da seguinte forma: quatro homens e quatro mulheres, sendo um homem e uma mulher com faixa etária entre 18 a 30 anos, com ensino fundamental completo ou incompleto; um homem e uma mulher com o mesmo grau de escolaridade, mas com faixa etária entre 50 a 65 anos. A estes quatro primeiros informantes foram acrescentados mais quatro com a mesma faixa etária e sexo, no entanto, com nível de escolaridade superior (universitário). Para sintetizar essas informações segue o Quadro 02.

Quadro 02 – Perfil dos informantes

| Informantes | Faixa etária | Sexo | Escolaridade |
|-------------|--------------|-----------|---------------|
| 01 | 18-30 | Masculino | Fundamental |
| 01 | 18-30 | Masculino | Universitário |
| 01 | 50-65 | Masculino | Fundamental |
| 01 | 50-65 | Masculino | Universitário |

| | | | |
|----|-------|----------|---------------|
| 01 | 18-30 | Feminino | Fundamental |
| 01 | 18-30 | Feminino | Universitário |
| 01 | 50-65 | Feminino | Fundamental |
| 01 | 50-65 | Feminino | Universitário |

Fonte: Elaboração dos autores.

O item lexical investigado, *fanhoso*, pertence ao campo semântico-lexical *corpo humano* do Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB. Trata-se da questão de número 101 que busca saber as denominações para *a pessoa que parece falar pelo nariz*.

A organização dos dados foi feita, como propõe Razky e Sanches (2016, p. 77), da seguinte maneira: i) organização de todas as respostas esperadas e não esperadas em uma Planilha *Excel*, identificando a localidade e o perfil do informante; ii) quantificação dos dados em porcentagem; iii) elaboração das cartas linguísticas; e, por fim, iv) análise geossocial dos resultados.

4. Apresentação dos resultados

A análise do item lexical *fanhoso* tem como base os postulados da abordagem geossociolinguística (Razky, 2010) que busca relacionar os aspectos geográficos e sociais da variação linguística. Deste modo, apresentamos uma descrição geral das variantes lexicais para o item *fanhoso* encontradas nas capitais brasileiras e, posteriormente, a análise geossocial dos dados, apontando para a ocorrência da variação geográfica e social.

Diante da organização dos dados lexicais, constatamos nas capitais brasileiras o total de 15 respostas para o item *fanhoso*: *fanhoso(a)*, *fanho(a)*, *fonhím*, *fom-fom*, *fonhengo*, *anho*, *cõem*, *fanhanha*, *nhe-nhenhe*, *afônico*, *anasalado*, *pessoa que fala pelo nariz*, *nasal*, *carne no nariz* e *fala fungando*. No entanto, verificamos que houve respostas mais frequentes e menos frequentes o que nos levou a separá-las em dois grupos, como mostra o Quadro 03.

Quadro 03 – Designações para fanhoso

| QSL | Pergunta | respostas mais frequente | respostas menos frequente |
|-----|---|--|--|
| 101 | ... a pessoa que parece falar pelo nariz? | fanhoso(a), fanho(a), fonhém/fõem, fom-fom | fonhengo, anho, cõem, fanhanha, nhenhenhe, afônico, anasalado, pessoa que fala pelo nariz, nasal, carne no nariz e fala fungando |

Fonte: Elaboração dos autores.

Como forma de dinamizar este estudo, a análise dos dados se restringirá às respostas mais frequentes (*fanhoso(a)*, *fanho(a)*, *fonhém/fõem* e *fom-fom*). As demais serão agrupadas na modalidade *outras* e analisadas em um momento oportuno.

4.1. Variação geográfica

Em relação à variação geográfica para o item *fanhoso*, registramos que nas capitais brasileiras a variante predominante foi *fanhoso* com 44% de frequência. Seguida de *fanho(a)* com 30%, *fonhém/fõem* com 10% e *fom-fom* com 7%. No caso de *outras variantes*, estas somam 7% de frequência. Já para as *sem respostas* foram registrados apenas 2%.

Tabela 01 – Variantes lexicais por região

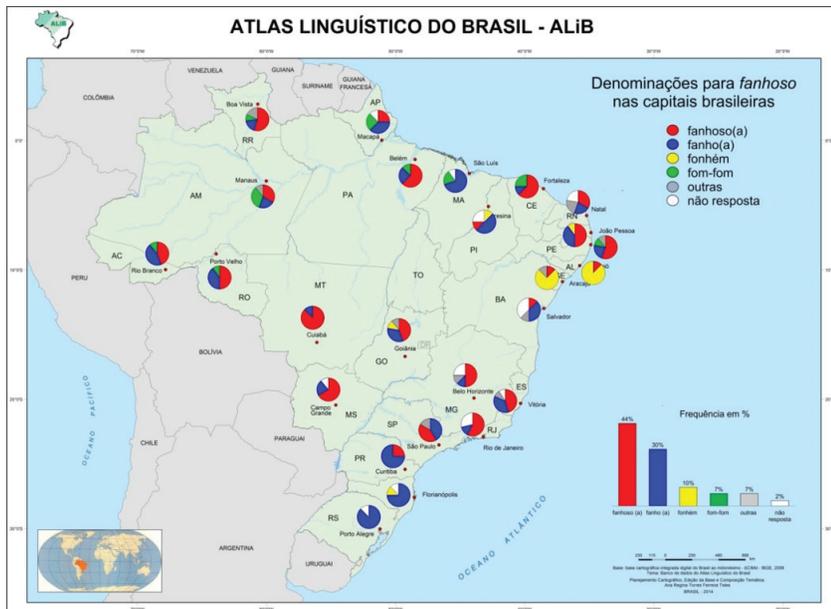
| Região/Variante | fanhoso(a) | fanho(a) | fonhém | fom-fom |
|-----------------|------------|----------|--------|---------|
| Norte | 47% | 32% | 0% | 17% |
| Nordeste | 30% | 31% | 19% | 6% |
| Centro-oeste | 65% | 23% | 4% | 0% |
| Sudeste | 44% | 28% | 0% | 0% |
| Sul | 9% | 79% | 4% | 0% |

Fonte: Elaboração dos autores.

No que tange à ocorrência das variantes por região, a Tabela 01 aponta que na Região Norte *fanhoso(a)* obteve 47% de frequência, *fanho(a)* 32% e *fom-fom* 17%. No Nordeste, a variante *fanhoso(a)* ocor-

reuiu com 30%, *fanho(a)* com 31%, *fonhém/fõem* com 19% e *fom-fom* com 6%. Na Região Centro-Oeste registramos as variantes *fanhoso(a)* com 65%, *fanho(a)* com 23% e *fonhém/fõem* com 4% de frequência. No Sudeste tivemos apenas o registro de *fanhoso(a)* e *fanho(a)*, a primeira com 44% e a segunda com 28%. Por último, na Região Sul, a variante *fanhoso(a)* ocorreu com 9%, *fanho(a)* com 79% e *fonhém/fõem* com 4%. Observa-se, ainda, a Figura 03, a seguir.

Figura 03 – Mapeamento diatópico para *fanhoso* nas capitais brasileiras



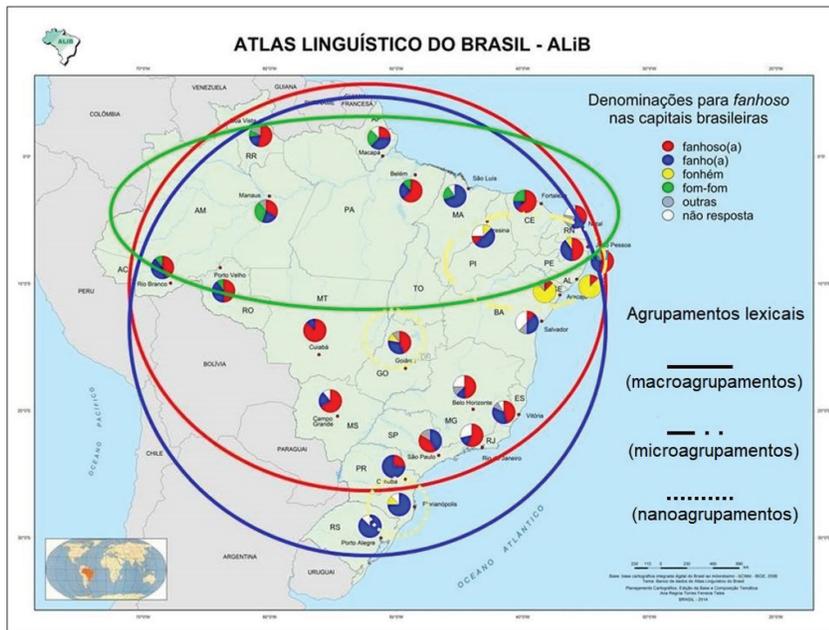
Fonte: Elaboração dos autores.

A partir da Figura 03, temos a configuração de agrupamentos lexicais (Razky; Guedes, 2015). A figura confirma que existem itens lexicais que não demonstram relações isoléxicas, conceito que evoluiu junto com a Dialetoleologia monodimensional. A carta lexical acima, de abordagem geossociolinguística, apresenta uma realidade linguística complexa das localidades pesquisadas, pois mostra que precisamos superar o conceito de isoglossas e considerar a ideia de agrupamento lexical, uma vez que este último conceito parece acompanhar as mudanças linguísticas e é fruto de metodologias mais inclusivas.

O conceito de agrupamento lexical (Razky, 2013) permite mostrar que há um contínuo lexical não homogêneo, mas que reflete características históricas de isoglossas diacrônicas que entraram em contato com variantes que se espalharam de forma crescente, no nível horizontal (geográfico) e vertical (aspectos sociais). A Figura 04 mostra, por exemplo, um *supra-agrupamento* se lematizarmos por abstração as variantes *fanhoso* e *fanho* no lema *fanhoso*, ou seja, um agrupamento que caracteriza todo o território nacional. Dentro desse *supra-agrupamento* há três *macroagrupamentos*, representados pelas variantes *fanhoso*, *fanho* e *fom-fom*.

Os dados mostram também um macroagrupamento regional para a realização de *fom-fom* (um agrupamento lexical que caracteriza regiões interligadas), já que esta foi registrada em todo o Norte do Brasil e em parte da Região Nordeste (três localidades: São Luís, Fortaleza e Recife). Um terceiro agrupamento que ocorre na carta lexical abaixo é do tipo microagrupamento (um agrupamento mais restrito, geograficamente, que ocorre em uma região e pode aparecer de forma esporádica em outras localidades com frequências muito baixas), representado pela variante *fonhém* que se concentra em quatro capitais do Nordeste (João Pessoa, Maceió e Aracaju). Vale ressaltar que esta variante também ocorreu em localidades que não se encontram da Região Nordeste (como em Goiânia-GO e Florianópolis-SC), para este caso, denominaremos aqui de nanoagrupamentos lexicais, isto é, variantes lexicais que ocorrem com baixa frequência e esporadicamente em outras localidades que não correspondem a sua área lexical ou se distanciam do espaço geográfico em que sua ocorrência é predominante.

Figura 04 – Agrupamentos lexicais



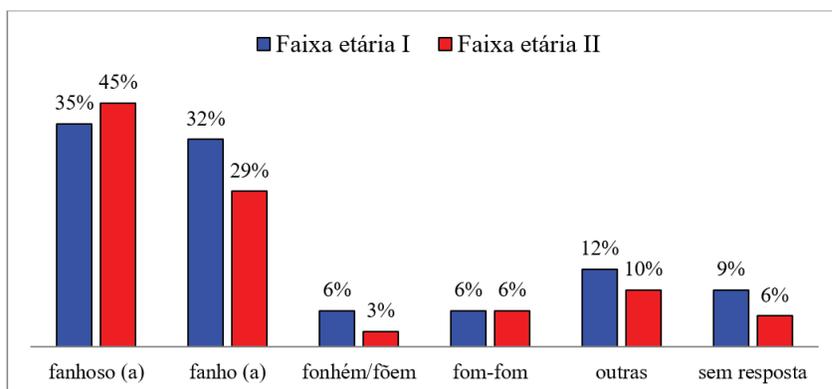
Fonte: Elaboração dos autores.

Diante desse mapeamento diatópico, concluímos que a variante *fanhoso(a)* se destacou nas regiões Norte, Centro-Oeste e Sudeste; já a variante *fanho(a)* predominou na Região Sul. No Nordeste presenciemos a coocorrência entre as variantes *fanhoso(a)* e *fanho(a)*, além da predominância para a variante *fonhém/fõem* nas capitais dos estados de Alagoas e Sergipe. Esta variante também apareceu no Centro-Oeste e Sul do Brasil, porém, com baixa frequência. Outro ponto importante é a ocorrência da variante *fom-fom* no Norte, onde foi mencionada em todas as capitais da região. Ressalta-se que esta variante também foi registrada, com pouca frequência, em São Luís (MA), Fortaleza (CE) e Recife (PE).

4.2. Variação social

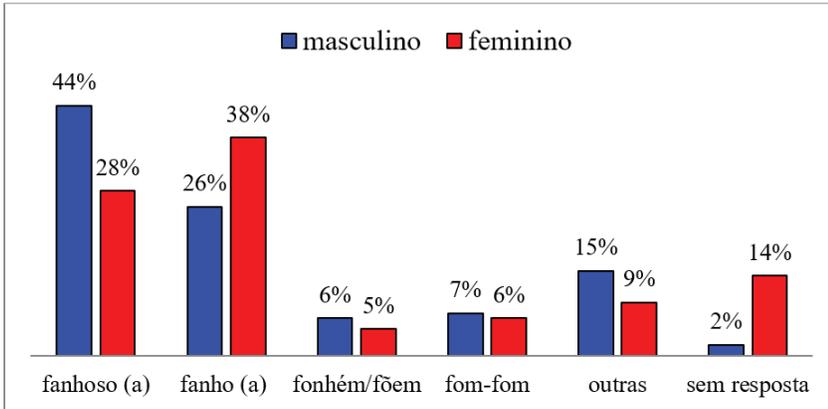
A variação social dos dados lexicais corresponde às variáveis faixa etária, sexo e escolaridade. Para a análise da variável faixa etária, todos os informantes entrevistados nas capitais brasileiras foram divididos em dois grupos, faixa etária I (18-30 anos) e faixa etária II (50-65 anos). O objetivo foi observar a influência desta variável em relação ao uso das variantes lexicais correspondentes ao item *fanhoso*.

Gráfico 01 – Variável faixa etária



Fonte: Elaboração dos autores.

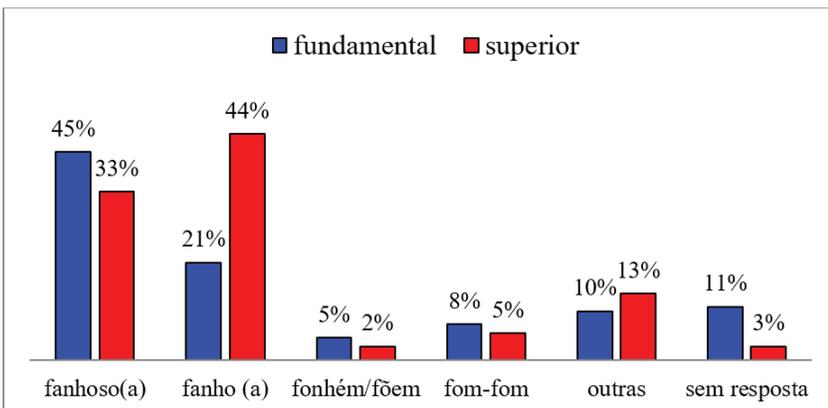
O Gráfico 01 ilustra a frequência de uso das variantes lexicais para *fanhoso* e sua relação com os informantes da faixa etária I e II. Conforme o gráfico acima, constatamos que *fanhoso (a)* aparece com 35% de frequência na fala dos jovens e 45% na fala dos idosos; *fanho(a)* ocorre com 32% na fala dos informantes da faixa etária I e 29% na fala dos de faixa etária II; *fonhém/fõem* dispõe de 6% na fala dos jovens e 3% na dos idosos; *fom-fom* ocorre de forma equilibrada em ambas as faixas etárias, com 6% de frequência.

Gráfico 02 – Variável sexo

Fonte: Elaboração dos autores.

De acordo com o Gráfico 02, observamos que a variante *fanhoso* ocorre com 44% de frequência na fala dos homens e 28% na fala das mulheres; *fanho* aparece com 26% na fala dos homens e 38% na fala das mulheres; *fonhém/fõem* ocorre com 6% na fala dos homens e 5% na fala das mulheres; e por último, *fom-fom* que aparece com 7% na fala dos homens e 6% na fala das mulheres.

Para a análise da variável escolaridade, os informantes foram divididos conforme o grau de escolaridade: com ensino fundamental e com ensino superior.

Gráfico 03 – Variável faixa escolaridade

Fonte: Elaboração dos autores.

No Gráfico 03, percebemos que *fanhoso(a)* obteve 45% de frequência na fala dos informantes com ensino fundamental e 33% na fala dos informantes com ensino superior; *fanho(a)* aparece com 21% na fala dos informantes com ensino fundamental e 44% na fala dos que possuem ensino superior; *fonhém/fðem* ocorre com 5% na fala dos informantes com ensino fundamental e 2% na fala dos informantes com ensino superior; e *fom-fom* obteve 8% na fala dos informantes com ensino fundamental e 5% na fala dos informantes com ensino superior.

Com base nos gráficos apresentados, podemos inferir que as variáveis sociais têm uma influência moderada na escolha de variantes lexicais para *fanhoso* na fala dos informantes das capitais brasileiras, sobretudo, para as variantes *fanhoso(a)* e *fanho(a)*. A primeira apresentou uma tendência na fala dos informantes de faixa etária II, do sexo masculino e com ensino fundamental. A segunda se destacou na fala dos informantes de faixa etária I, do sexo feminino e com ensino superior. As demais variantes (*fonhém/fðem* e *fom-fom*) se mostraram estáveis não havendo tendência significativa em relação à idade, ao sexo e à escolaridade dos informantes.

5. Considerações finais

Com base na análise apresentada, constatamos que para designar uma *pessoa que parece falar pelo nariz* os informantes utilizam as seguintes variantes lexicais: *fanhoso*, *fanho*, *fonhém/fðem* e *fom-fom*, além de outras respostas menos recorrentes (*fonhengo*, *anho*, *cðem*, *fanhanha*, *nhenhenhe*, *afônico*, *anasalado*, *pessoa que fala pelo nariz*, *nasal*, *carne no nariz* e *fala fungando*).

Em relação à variação geográfica do item investigado, a variante lexical que predominou em boa parte das capitais brasileiras foi *fanhoso(a)*, seguida de *fanho(a)*. No caso da variante *fanho(a)*, esta aparece marcada com maior frequência na fala dos sulistas, ou seja, apresentou uma maior concentração na Região Sul. Já *fom-fom* pode marcar a fala do Nortista, pois ocorre majoritariamente na Região Norte. E por último *fonhém/fðem* que se concentrou na região Nordeste, especificamente nos estados de Alagoas e Sergipe. É importante notar que o fato destas variantes lexicais se apresentarem com maior frequência em determinadas localidades do Brasil não significa que suas ocorrências

sejam únicas, ao contrário, as variantes *fanhoso(a)*, *fanho(a)*, *fom-fom* e *fonhém/fõem* coocorrem entre si. Na abordagem geossociolinguística, isso ratifica e valida o conceito de agrupamentos lexicais (Razky, 2013), tornando obsoleto o conceito de isoglossas/isoléxicas, uma vez que os agrupamentos correspondem à complexidade variacional brasileira, no que diz respeito aos seus aspectos geográficos e sociais.

Sobre a variação social, os dados apontam que somente as variantes lexicais *fanhoso(a)* e *fanho(a)* tendem a ser usadas nas capitais brasileiras por informantes de faixa etária, sexo e escolaridade distintas, como a variante *fanhoso(a)* que aparece com maior frequência na fala dos informantes da faixa etária II, do sexo masculino e com ensino fundamental, já a variante *fanho(a)* destaca-se na fala dos informantes da faixa etária I, do sexo feminino e com ensino superior.

Concluimos que por meio da abordagem geossociolinguística foi possível mapear e analisar o item lexical *fanhoso* de modo a conhecer sua variabilidade léxica em relação ao espaço geográfico e social, contribuindo assim para os estudos geolinguísticos no Brasil e principalmente para o Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

Contribuição dos autores

Nós, Romário Duarte Sanches e Abdelhak Razky, declaramos, para os devidos fins, que ambos participamos da conceptualização do estudo, metodologia, desenho do estudo, análise formal dos dados, análise estatística dos dados, validação dos dados, escrita do artigo e edição final do artigo submetido e aprovado para publicação na Revista Delta, intitulado “Análise geossociolinguística das designações para *fanhoso* nas capitais brasileiras”. Sendo assim, aprovamos a versão final do manuscrito e somos responsáveis por todos os seus aspectos, incluindo a garantia de sua precisão e integridade.

(X) Declaramos não ter qualquer conflito de interesse, em potencial, neste estudo.

Referências bibliográficas

- Aguilera, V. de A., Doiron, M. P. B. (Orgs.). (2015). *Estudos geossociolinguísticos brasileiros e europeus*. Londrina: Eduel.

- Aguilera, V. (1994). *Atlas linguístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná.
- Busse, S. (2010). *Um estudo geossociolingüístico da fala do Oeste do Paraná*. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- Cardoso, S. (2003). Dialectologia atual: tendências e perspectivas. *Revista Gelne*, ano 5, n. 1 e 2, p. 195-192.
- Cardoso, S., & Razky, A. (1997). O Atlas Geo-sociolingüístico do Pará: o projeto piloto. *Asas da palavra*, UNAMA, n. 4, v. 7. dez., p. 97-100.
- Chambers, J. & Trudgill, P. (1994). *La Dialectología*. Madrid: Visor Libros.
- Costa, E. O. da. (2018). *Estudo geossociolingüístico do léxico do português falado em áreas indígenas de língua Tupi-Guarani nos estados do Pará e Maranhão*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Pará.
- Costa, F. A. F. B. da. (2015). *A variação do /r/ pós-vocálico em coda interna no Norte do Brasil: um estudo Geossociolingüístico*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará.
- Dias, M. (2017). *Atlas Geossociolingüístico Quilombola do Nordeste do Pará e no Atlas Linguístico do Pará*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Pará.
- Farias, M. A. R. de. (2008). *Distribuição geo-sociolingüística do ditongo <ej> no português falado no Estado do Pará*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará.
- Fernandes, M. E. P. (2009). *Distribuição Geo-sociolingüística da Lateral Palatal /lh/ nos estados do Amapá e Pará*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará.
- Ferreira, C. et al. (1987). *Atlas linguístico de Sergipe*. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação de Cultura de Sergipe.
- Galli, M. C. (2016). *Análise geossociolingüística das consoantes lateral linguodental e vibrante alveolar em Assis Chateaubriand - PR*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual do Oeste do Paraná.
- Gilliéron, J., & Edmont, E. (1902-1910). *Atlas Linguistique de la France* (ALF), 35 fasc. Paris: Honoré Champion.
- Guedes, R. (2012). *Estudo Geossociolingüístico da variação lexical na zona rural do Estado do Pará*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará.
- Guedes, R. (2017). *Perfil geossociolingüístico do Português em contato com línguas Tupi-Guarani em áreas indígenas dos estados do Pará e Maranhão*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Pará (UFPA).

- Nunes, C. F. (2006). *Variações do fonema lh no falar de 04 localidades do sudeste do Pará: uma descrição geo-sociolinguística*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará.
- Radtke, E., & Thun, H. (1996). Nuevos caminos de la geolinguística románica: un balance. In Radtke, E., & Thun, H. *Neue Wege der Romanischen Geolinguistik*. Kiel: Westensee-Verlag, p. 15-59.
- Razky, A., & Guedes, R. (2015). Le continuum des regroupements lexicaux dans l'atlas géosociolinguistique du Pará. *Revista Géolinguistique*. n. 15-2015. Centre de Dialectologie. GIPSA-lab – Univ. Grenoble Alpes.
- Razky, A., & Sanches, R. D. (2016). Variação geossocial do item lexical riacho/córrego nas capitais brasileiras. *Gragoatá*, Niterói, n.40, p. 70-89.
- Razky, A. (1998). O Atlas geo-sociolinguístico do Pará: Abordagem metodológica. In Aguilera (Org). *A geolinguística no Brasil: Caminhos e perspectivas*. Londrina: UEL.
- Razky, A. (Org.). (2003). *Estudos geo-sociolinguísticos no Estado do Pará*. Belém: Gráfica e Editora grafia.
- Razky, A. (2004). *Atlas linguístico sonoro do estado do Pará (ALiSPA 1.1)*. Belém: s/ed. (Programa em CD-ROM).
- Razky, A. (2010). Pour une approche géo-sociolinguistique de la variation phonétique. *Lenguaje* (Universidad del Valle), v. 32, p. 313-330.
- Razky, A. et al. (2014). *Estudos II: geossociolinguística no estado do Pará*. Belém: EDUMA.
- Razky, A. et al. (2017). *Estudos Geossociolinguísticos do Português Brasileiro*. São Paulo: Pontes.
- Ribeiro, C. M. da R. (2008). *A variável (r) posvocálica medial nos estados do Amapá e Pará: Um estudo geossociolinguístico*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará.
- Rodrigues, M. D. G. (2017). *Mapeamento lexical do português falado pelos wajãpi no estado do Amapá: uma abordagem Geossociolinguística*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará.
- Romano, V. P. (2012). *Atlas Geossociolinguístico de Londrina: um estudo em tempo real e tempo aparente*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Londrina.
- Sanches, R. D. (2015). *Variação lexical nos dados do projeto Atlas Geossociolinguístico do Amapá*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará.
- Santos, E. G. dos. (2009). *A distribuição geo-sociolinguística da variável pretônica no português falado no Estado do Pará*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará.

Santos, W. B. dos. (2012). *Estudo Geossociolinguístico dos ditongos /ei/ nas capitais do Norte e Nordeste do Brasil*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará.

Recebido em: 02/07/2019
Aprovado em: 27/01/2021

Apêndice

Tabela 02 – Ocorrência das variantes lexicais para *fanhoso* por localidade

| Região | Item lexical | fanhoso | fanho | fonhém | fom-fom | outras | sem resposta |
|--------------|----------------|---------|-------|--------|---------|--------|--------------|
| | | ocor. | ocor. | ocor. | ocor. | ocor. | ocor. |
| Norte | Capital | | | | | | |
| | Manaus | 03 | 02 | - | 03 | 01 | - |
| | Rio Branco | 04 | 04 | - | 01 | - | - |
| | Porto velho | 05 | 04 | - | 01 | - | - |
| | Boa vista | 06 | 02 | - | 01 | - | - |
| | Macapá | 02 | 03 | - | 02 | - | 01 |
| Nordeste | Belém | 05 | 02 | - | 01 | - | - |
| | Fortaleza | 05 | 01 | - | 02 | - | - |
| | Natal | 03 | 02 | - | - | 01 | 01 |
| | Teresina | 01 | 04 | 01 | - | - | 02 |
| | São Luís | - | 07 | - | 02 | - | - |
| | Recife | 05 | 02 | - | - | 01 | - |
| | João Pessoa | 04 | 03 | 01 | - | - | - |
| | Maceió | 01 | - | 06 | - | - | - |
| Centro-oeste | Aracaju | 01 | - | 05 | - | 02 | - |
| | Salvador | 01 | 03 | - | - | 01 | 02 |
| | Cuiabá | 04 | 03 | - | - | 02 | - |
| | Campo Grande | 06 | 02 | - | - | - | 01 |
| Sudeste | Goiânia | 07 | 01 | 01 | - | - | - |
| | Belo Horizonte | 04 | 01 | - | - | 01 | 02 |
| | Vitória | 04 | 04 | - | - | 01 | 01 |
| | Rio de Janeiro | 04 | 01 | - | - | - | 03 |
| Sul | São Paulo | 05 | 05 | - | - | - | 03 |
| | Curitiba | 02 | 06 | - | - | - | - |
| | Florianópolis | - | 06 | 01 | - | - | 01 |
| | Porto Alegre | - | 07 | - | - | - | 01 |

Fonte: Elaboração dos autores.